

MIRIAN GUARACIABA

Morrendo pela boca

Eleição - Presidencial

É cada vez mais previsível o desfecho da eleição presidencial de 1998. Lula subiu nas pesquisas de opinião, deu esperanças ao seu eleito-rado, mostrou que pode ter densidade nas urnas, mas encontrou rapidamente a velha fórmula de perder terreno.

Lula e seu vice, Leonel Brizola, falam demais. Demonstram que falta muito para a esquerda — ou nem tanto — aprender a tirar proveito de seus momentos favoráveis. Há tempo para falar ou calar. Ou calcular perdas e ganhos.

O desempenho positivo nas pesquisas indica que a hora é de escolher a melhor tática para continuar avançando. Mas os candidatos do PT e PDT preferem repetir velhos discursos atemorizando empresários brasileiros e investidores estrangeiros.

Em tempo de crise econômica — as bolsas caem todos os dias, o mundo está abalado, o índice de desemprego é alto —, não se deve falar em retrocesso. Respeita-se a opinião de Lula e Brizola, contrária às privatizações, mas não pode haver ameaças.

O tom não é bom. O governo de Fernando Henrique Cardoso acele-

rou o processo de privatização, mas ainda há tempo para que se rediscutam os caminhos seguidos pela aliança PSDB e PFL.

Quando Lula e Brizola — especialmente Brizola, nos últimos dias — dizem que vão rever o processo de privatização, ou impugnar leilões de estatais já realizados, neutralizam propostas de governo que realmente poderiam sensibilizar a opinião pública.

Saúde em casa, projeto desenvolvido pelo governador Cristovam Buarque, é um bom exemplo do que o PT pode fazer pelo país. Lula prometeu dar ao programa um caráter nacional. Quer atender a 110 milhões de pessoas com R\$ 5 bilhões ao ano — metade do que o governo arrecadou com a CPMF em 1997.

Cristovam Buarque é nome respeitado dentro e fora do PT. É de seu governo outra idéia que Lula pretende incrementar — a bolsa-escola. O presidente Fernando Henrique ensaiou alguns passos do projeto. Lula quer ampliá-lo.

Poucos comentam as propostas do PT. Para justificar a ausência de repercussão, Lula pode alegar que os jornais só publicam o que não é bom para sua candidatura. Argu-

mento, aliás, também usado por seu principal adversário, Fernando Henrique Cardoso, quando fala de seca, saques, greves, desemprego.

Guardadas as proporções e tendências, a imprensa estampa com maior estardalhaço o que eles dizem de forma mais barulhenta, ou de maneira mais insistente. Brizola e Lula têm pregado contra as privatizações como se não houvesse outro assunto de interesse do eleitor.

E se a esquerda fala demais, aliados do presidente Fernando Henrique Cardoso acusam o governo de falar de menos. O senador Antonio Carlos Magalhães tem criticado publicamente a comunicação do governo.

E não é só o presidente do Congresso. Representantes do PFL e tucanos, de maneira geral, condenam o governo por não divulgar seus feitos, ou de fazê-lo de forma tão discreta que poucos tomam conhecimento.

Enquanto a oposição exagera no discurso, o governo Fernando Henrique Cardoso peca pela ausência. Como ninguém está querendo perder a eleição, um dos dois reagirá primeiro. Ganhará quem encontrar o meio termo.

16 JUN 1998

CORREIO BRASILENSE